

## **O ENSINO DE HISTÓRIA NO CURSO ESPERANÇA POPULAR RESTINGA: AS DESCONTINUIDADES ENTRE O PERCEBIDO E O PREVISTO**

Coordenador: NAIR IRACEMA SILVEIRA DOS SANTOS

Autor: DIEGO SOUZA MARQUES

O Programa Conexões de Saberes/ UFRGS - Diálogos entre a universidade e as comunidades populares tem, entre suas diversas atividades, mantido uma parceria na construção e manutenção do Cursinho Esperança Popular Restinga, em Porto Alegre. O curso é ministrado por alunos bolsistas do programa, além de alunos universitários voluntários, contando com recursos tanto do programa quanto pequenas mensalidades cobradas dos alunos. No nosso caso, em especial, estamos construindo uma experiência nova no bairro, pois a Restinga, até a experiência do Curso Pré-Vestibular Esperança Popular iniciada em 2006, não possuía um espaço com tais características. Além disso, o curso começou em parceria com uma associação comunitária do bairro e teve muitos altos e baixos na construção desta idéia no local, fazendo com que, ao final de 2007, ocorresse a transferência das suas atividades para uma escola pública municipal. Assim, no ano de 2008 tivemos uma expressiva procura por 25 vagas ofertadas (de acordo com o espaço da sala cedida no turno da noite na escola), com 120 candidatos inscritos. Pelos critérios de seleção, ser morador do bairro e ter uma renda máxima de um salário mínimo per capita, 100 candidatos foram para o sorteio público das vagas, realizado no refeitório da escola. Ressaltamos, também, que quatro ex-alunos de 2007 procuraram novamente o cursinho, tendo vaga assegurada, segundo critérios discutidos entre o grupo de professores. Os objetivos das atividades do cursinho visam a preparação para o vestibular. Ao mesmo tempo, temos na perspectiva docente a necessidade de que os conteúdos trabalhados durante a aula tenham algum sentido na formação dos alunos de maneira mais ampla. Buscamos cortejar o trabalho de ensino como preparação para uma prova objetiva com os conceitos de educação popular, no sentido então, de problematização, tanto dos conteúdos quanto do próprio vestibular, aliados a uma relação com a realidade destes alunos. Educação popular pode ser definida, a partir de Paulo Freire, como um movimento de engajamento daqueles que pretendem impulsionar modificações nas atuais estruturas de ensino do país. Nadando contra a maré, a educação popular se constitui como um contraponto ao regime de elite do ensino, em todos os seus âmbitos. Ela ambiciona desenvolver perspectivas para conscientizar todos os indivíduos que se encontram

fora do status regular de ensino, com o intuito de proporcionar uma movimentação, um deslocamento das plataformas que mantêm a tradição de privilégio deste. Apresentamos então, esta questão central da relação pedagógica objetivada no cursinho a partir do ensino da disciplina de história. Tal disciplina se mostra rica de possibilidades, pois permite o questionamento da naturalização de características da sociedade atual, como a situação do bairro Restinga e a própria existência do vestibular, sendo, portanto aspectos muito válidos para as finalidades que temos em vista. As aulas de história ocorreram no primeiro semestre de 2008, nas quartas-feiras à noite, ocupando um período de 1 hora e meia. Durante as atividades, podemos notar várias questões que perpassam tanto a relação pedagógica quanto os conteúdos a serem trabalhados. O planejamento se torna complicado devido ao caráter heterogêneo dos alunos e as diferentes bagagens que trazem do ensino formal. Como uma aula de cursinho pré-vestibular exige certa produtividade e andamento acelerado, os conteúdos devem ser selecionados de maneira que não contemple todas as questões que gostaríamos de abordar. Ao mesmo tempo, se faz necessário a criação de um espaço de discussão durante o período de aula, já que não podemos negar a característica problematizadora que a concepção de educação popular exige. Por isto, ao término de cada aula sempre nos defrontamos com uma questão: o objetivo criado a partir do planejamento foi alcançado? Em alguns momentos a aula vai tomando uma dinâmica própria, principalmente quando uma discussão ou uma relação com questões da atualidade são lançadas. As opiniões se mostram importantes ao mesmo tempo em que são imprevisíveis, não fazem parte do planejamento, e as questões relacionadas ao conteúdo que deve ser ensinado para o vestibular partem muitas vezes daí. Então, quando o planejamento não leva em conta que a própria dinâmica da relação entre professor e turma toma rumos imprevistos - às vezes no sentido de participação ou às vezes como desatenção e não compreensão - poderíamos considerar que o objetivo não foi alcançado. Desta forma, nos parece que as aulas de história devem levar em conta estas situações importantes dentro da sala de aula. Se as atividades devem fomentar o diálogo e levar em conta a participação dos alunos (que às vezes pode se manifestar de outras formas, como desatenção) ao mesmo tempo em que temos a preocupação com o conteúdo para o vestibular (produtividade), estes espaços de "fuga" devem ser proporcionados. Vemos então, no desenrolar das aulas, diversos aspectos das possibilidades de ensino de história. Tanto as características que o tipo de ensino exigido na preparação para o vestibular, quanto a própria inexperiência do professor, são fatores que contribuem para que estas noções de educação popular sejam relativizadas nas aulas do cursinho. Às vezes, o uso do "ensino tradicional", como a memorização de informações e o caráter expositivo

da aula, são práticas utilizadas, assim como o diálogo e demais atividades que instiguem a participação dos alunos. Além disso, a própria implicação do professor na aprendizagem que uma aula possibilita, traz questões como a revisão do planejamento e das próprias concepções de educação.